



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de comemoração do Dia Mundial do Meio Ambiente e de  
lançamento de ações para o desenvolvimento sustentável da Amazônia**

**Palácio do Planalto, 05 de junho de 2006**

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,  
Senhores embaixadores acreditados junto a meu governo,  
Ministra Marina Silva, do Meio Ambiente,  
Ministro Márcio Thomaz Bastos, da Justiça,  
Ministro Paulo Sérgio Oliveira Passos, ministro dos Transportes,  
Luiz Carlos Guedes Pinto, ministro interino da Agricultura, Pecuária e  
Abastecimento,

Meu caro Nelson Hubner, interino de Minas e Energia,  
Meu querido companheiro Pedro Brito, ministro da Integração Nacional,  
Meu querido companheiro Guilherme, ministro do Desenvolvimento  
Agrário,

Meu querido companheiro Luiz Dulci, secretário-geral da Presidência da  
República,

Senadora Ana Júlia,  
Deputados federais Luiz Carreira e Zé Gerardo,  
Senhor Tasso Rezende Azevedo, diretor-geral do Serviço Florestal  
Brasileiro,

Meus amigos e minhas amigas,  
Meu caro Rolf, presidente do Incra, desculpe,

Eu estava discutindo com a Marina, porque eu achava que não era  
preciso fazer discurso. Acho que ela fechou com chave de ouro e eu, antes de  
fazer a leitura que ela quer que eu faça, aqui, eu falei para ela se ela não podia



mandar fazer como na Câmara dos Deputados: chegar na mesa e pedir para incluir nos anais da Casa.

Meu caro Mércio, presidente da Funai.

Primeiro, agradecer às entidades da sociedade civil que não se deixaram abater, em nenhum momento, desde o dia 1º de janeiro de 2003, e acreditaram que era possível, teimando e trabalhando, nós construirmos o que estamos colhendo hoje. Nem sempre é fácil, porque quando se fala de meio ambiente no Brasil, normalmente é um pouco daquilo que a Marina falou, o meio ambiente é tratado como se fosse um instrumento que atrapalha o país a se desenvolver e crescer. Sempre foi assim, quando, na verdade, o dia de hoje prova que ao invés do Ministério do Meio Ambiente, o Ibama e as entidades que cuidam do meio ambiente atrapalham, o que eles fazem, na verdade, é dizer para a gente como fazer as coisas de forma correta, mesmo que demore um pouco mais.

Não está no meu pronunciamento, mas eu queria lembrar que esta semana eu fui dar o primeiro ponto de solda, ou melhor, ver um soldador dar o primeiro ponto de solda, porque é tão delicado que eu não quis arriscar estragar uma tubulação. Eu fui dar o primeiro ponto de solda com os trabalhadores no gasoduto Coari/Manaus, que desde 1985 vem sendo prometido ao estado do Amazonas e ao norte do país, e que nunca foi feito. E nunca foi feito porque nunca se levou a sério a combinação do desenvolvimento sustentável com a política correta, mesmo que demore um pouco mais, um mês, um ano a mais, mas que quando você então começa a fazer, você faz tendo a certeza que não está cometendo nenhum erro e nenhum equívoco.

Da mesma forma que nós vimos o Guilherme anunciar uma coisa que começamos a discutir no final de 2003. Havia sempre, na nossa cabeça, a questão da violência no campo, da violência na região do Pará. Pessoas que



tinham 100 hectares, 150, 200 hectares e que, às vezes, morriam defendendo aquela terra, tentando provar que era deles e não conseguiam provar.

Então, nós decidimos: vamos, primeiro, dar a terra para eles, o descontente é que brigue com eles, para a gente poder garantir que haja um pouco de tranquilidade. Mas isso levou dois anos para poder ser feito, porque tem um monte de coisas envolvidas nisso e, somente uma combinação perfeita, numa frase cunhada pela companheira Marina, de colocar em prática no nosso governo a transversalidade, é que permitiu que a gente não discutisse um projeto num Ministério, depois em outro, depois em outro, quando é mais simples e mais objetivo juntar todo mundo e tentar construir a política de Estado conjuntamente. Isso permitiu que nós chegássemos aos 63. Disso, também, estamos falando há quantos anos? Quantas brigas, quantas coisas que pareciam impossíveis? E a boa vontade de vários ministros envolvidos na construção de uma coisa que todos nós entendíamos extremamente importante, e que era preciso cuidar de preservar antes que fosse destruído? Ou seja, nós estamos colhendo hoje uma obra que certamente será motivo de orgulho para o povo brasileiro. Sempre terá um ou outro descontente, sempre haverá alguém que vai dizer que perdeu uma oportunidade de investimento, que a sua madeireira ia crescer mais e não cresceu, sempre haverá aquele que poderá dizer: “não, eu ia fazer uma expansão de mais um milhão de hectares de soja para lá ou ia criar mais mil cabeças de gado.” Sempre haverá. Mas no fundo, no fundo, eu quero dizer a todos vocês que trabalharam neste projeto, ministros, entidades, deputados, senadores, ou seja, que a nossa futura geração será eternamente agradecida pelo exemplo que nós vamos dar ao mundo, de como é possível sermos brasileiros e não sermos predadores, como costuma se dizer do Brasil no exterior.

Mas como eu tenho que ler um discurso que a Marina pediu para eu ler aqui, eu vou me comportar e vou ler o discurso. De forma, Marina, meus



parabéns, meus parabéns Guilherme, Paulo Sérgio, Brito e demais ministros aqui, meus parabéns pelo resultado final da obra. Falta muito, porque quando a gente consegue construir um metro de benfeitoria, sempre aparece alguém querendo destruir um quilômetro daquilo que está feito. Mas, com a paciência que vocês demonstraram aqui, com a maturidade, certamente o Brasil e o mundo serão eternamente agradecidos a este projeto.

Vamos ao que interessa agora. O plano de desenvolvimento sustentável da área de influência da rodovia BR-163 tem uma característica que o diferencia de boa parte das políticas públicas. A verdade é que hoje estamos tratando de um processo em pleno andamento, e se ele ganha maior visibilidade agora, é porque já inclui dezenas de ações preventivas e estruturas postas em prática.

Estamos corrigindo três décadas de ocupação desordenada e conflituosa ao longo dos 1.764 quilômetros da Cuiabá/Santarém, que cortam a Amazônia legal brasileira, desde o Mato Grosso até o Pará. Eu quero lembrar aqui uma coisa importante. Na campanha de 1989, eu fui a Santarém, quando os companheiros de fé de Santarém queriam que eu fosse no marco zero e assumisse o compromisso de que eu iria construir a rodovia. Eu me recusei a ir ao marco zero, porque eu não tinha conhecimento da rodovia, como é que eu ia me comprometer? Eu sei que outros foram, governaram, mas não fizeram. Ou seja, eu não fui porque eu achava que era contar uma mentira para a sociedade brasileira e, depois de tantos anos, estamos aqui, falando da BR-163.

Essas medidas, tão bem expostas pela nossa querida companheira Marina Silva, estão sendo implementadas de forma articulada e progressiva por 21 ministérios do nosso governo e convergem para o mesmo objetivo. Trata-se de assegurar que o poder de Estado e a vontade da cidadania se façam presentes antes, durante e depois da recuperação e do asfaltamento total da estrada.



A pavimentação começa, agora, a avançar em mais dois trechos, sob a responsabilidade dos soldados do Batalhão de Engenharia do Exército Brasileiro. O primeiro é entre as cidades paraenses de Santarém e Rurópolis, o segundo vai de Guarantã do Norte, no Mato Grosso, até a divisa com o Pará. Além disso, o Exército também substituirá, na rodovia, 14 antigas pontes, ainda feitas em madeira, por novas estruturas de concreto, com muito mais segurança e capacidade de tráfego.

E a continuidade das obras está garantida com o edital da Parceria Público Privada da BR-163, a ser publicado ainda este ano. Ele definirá um novo padrão de financiamento, permitindo ao governo viabilizar recursos para a conclusão de todo o trajeto, num prazo de dois a três anos. Estamos falando, portanto, de um mutirão, de uma empreitada que combina o asfalto com o ordenamento fundiário, econômico e ecológico de toda a área de influência da BR 163.

Essa região equivale a aproximadamente 14 e meio por cento do território nacional. Se os números estiverem errados, corrija-me Marina, são praticamente 1 milhão 230 mil quilômetros quadrados, onde vivem dois milhões de brasileiros em mais de setenta municípios. E é aí que se encontra um dos mais dinâmicos pólos agrícolas do país, que será beneficiado com uma redução de custos de aproximadamente 35% com a conclusão desta obra.

Expressivas populações indígenas e concentrações de agricultores familiares, assim como as comunidades ribeirinhas e quilombolas, compartilham esse mesmo espaço. E alguns dos maiores afluentes do rio Amazonas compõem esse mosaico representativo de um dos mais importantes ecossistemas da Terra.

O que está em jogo, nesse pedaço da Amazônia brasileira portanto, não é pouco, nem é algo tão simples que se possa resolver com a lógica maniqueísta do tudo ou nada. Trata-se, na verdade, de um desafio emblemático à nossa capacidade de construir um novo modelo de desenvolvimento



sustentável no século XXI. A pavimentação da BR 163 é uma demanda de trinta anos que chegou até o presente. A nós cabe, agora, atendê-la, mas com todo o cuidado e a prevenção necessários para que nossas riquezas ambientais sejam preservadas para o futuro.

As medidas em andamento refletem um arsenal de conhecimentos acumulados pela ciência, pelos movimentos sociais e pelas políticas públicas que nos encorajam a dizer que esta obra pode demarcar a Idade da Razão na Amazônia brasileira. Queremos que a BR-163, em vez de abrir caminhos para o desmatamento regional, seja uma ligação virtuosa entre a floresta e o desenvolvimento.

Meus amigos e minhas amigas,

Para vencer o desafio imposto pela continuidade da pavimentação da rodovia, definimos quatro eixos de ações. Estamos promovendo o Ordenamento Territorial e a Gestão Ambiental da região, bem como o incentivo e o fomento a Atividades Produtivas Sustentáveis. Ao mesmo tempo, obras de infra-estrutura e logística estão em andamento. Essas ações ocorrem no mesmo momento em que implantamos mecanismos de participação democrática que asseguram às comunidades locais o controle sobre o seu destino e o destino do seu lugar.

O zoneamento ecológico e econômico será feito em todo o eixo da BR-163. Planos Diretores Municipais estão sendo implementados em mais de duas dezenas de municípios do seu entorno, propriedades de até 500 hectares terão sua regularização acelerada. Investimentos em grandes mosaicos de unidades de conservação garantem um cinturão verde de defesa e de vigilância pública na área de influência da rodovia.

A Amazônia reúne 46 milhões de hectares de áreas de conservação, dos quais 15 milhões foram criados em nosso governo. No ano passado, reduzimos em 31% a derrubada da floresta. Foi a primeira grande vitória contra a devastação nos últimos nove anos. Essa ofensiva conta agora com uma



trincheira inédita formada pelo Distrito Florestal Sustentável da BR-163. Trata-se de uma área de 16 milhões de hectares, com um terço destinado ao manejo florestal. É ali que estamos implementando, pela primeira vez, os dispositivos da lei de Gestão de Florestas Públicas, que permitem explorar de forma sustentada recursos florestais em áreas da União.

Esse projeto possibilitará à região a receita de 740 milhões de reais com os produtos florestais e a geração de 100 mil empregos. E o que é mais importante: ele estabelece uma nova referência de cálculo econômico que institui a supremacia do manejo sustentável sobre a ação predatória e clandestina na região. Também estão sendo feitos investimentos na recuperação de estradas vicinais e na melhoria dos sistemas portuários. Ações para erradicação do trabalho escravo e do trabalho infantil, bem como de proteção às terras indígenas, foram intensificadas. E o Bolsa Família está presente em 67 municípios da BR-163, garantindo uma renda mínima mensal já a dois terços de suas famílias mais pobres.

Meus amigos e minhas amigas,

Esse esforço combinado sintetiza não apenas o compromisso com uma obra, mas a confiança num método. Digo isso porque a decisão de recuperar e ampliar a pavimentação da rodovia BR-163 não estava prevista em nosso plano de governo. Se decidimos executá-la agora é porque estamos convencidos de que podemos fazer desse projeto uma referência concreta do PAS, o Programa Amazônia Sustentável, que já foi discutido com todos os governos da região e agora se encontra em fase de audiência pública.

Nós sabemos que uma estrada é um símbolo de uma determinada concepção de progresso. Na maioria das vezes, porém, ela é uma armadilha do progresso que se resume a transferir populações e desafios de um lado a outro do território, sem planejar o futuro nem prevenir os impactos. Foi essa corrida para frente, rumo a lugar nenhum, que orientou em grande medida a ocupação da Amazônia brasileira no passado. E a BR-163 foi uma dessas



válvulas de escape de milhões de esperanças trituradas por um modelo de ocupação perverso e ambientalmente irresponsável.

Hoje, todavia, temos instrumentos ambientais e trunfos de consenso político que nos dão a certeza de que é possível olhar para frente sem repetir o ficou para trás. Quem olhar para o futuro neste dia Mundial do Meio Ambiente vai enxergar que o destino da natureza e o destino da sociedade humana, em especial nos países mais pobres, estão visceralmente entrelaçados. Quem olhar para o passado há de lembrar que Chico Mendes não era contra o progresso que traz saúde, educação, oportunidades, emprego e renda. Tampouco a freira Doroty Stang pregava o isolamento das comunidades humildes na Terra do Meio. Na verdade, ambos se opunham à lógica excludente, que faz do progresso uma pista de mão única, na qual o povo sempre viaja como passageiro de segunda classe, e a natureza, como carga clandestina de ações predatórias.

Quem olhar para o presente, desse modo, terá a confirmação cristalina de que equilíbrio ambiental e miséria são incompatíveis, não é possível cuidar de um e desdenhar o outro. Fica mais fácil, assim, enxergar a legitimidade dos anseios da maioria da população que vive hoje no eixo da BR-163. São anseios de crescimento, de cidadania e de bem-estar que devem ser preservados, juntamente com a floresta, a salvo dos desequilíbrios da pobreza, da extinção da esperança e da erosão do futuro. É essa a preservação que já começamos a fazer na BR-163.

Meus parabéns à transversalidade, e meus parabéns a quem dirigiu esse processo.

Muito obrigado